

Considerações sobre o Papel do Idoso no Episcopado Visigodo na Hispania no século VII: o epistolário de Bráulio de Saragoça

Rodrigo dos Santos Rainha
Professor Adjunto - UERJ
grandehistoria@gmail.com

Enviado em: 15/12/2015
Aceito em: 03/03/2016

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo dar continuidade a pesquisa que desenvolvemos como um aspecto secundário em nossa tese de doutorado defendido no Programa de Pós-graduação em História Comparada no âmbito do Programa de Estudos Medievais. Nossa abordagem pretende sublinhar o papel exercido pelo idoso no episcopado visigodo no século VII. Para tal, utilizaremos como principal fonte de pesquisa as cartas do bispo Bráulio de Saragoça, e apoiaremos o seu entendimento a partir de escritos de Isidoro de Sevilha e das atas conciliares de Toledo no século VII. Realçaremos que o idoso, apesar de caracterizado por dores e dificuldades, assume por meio do seu papel simbólico uma posição de relevo no episcopado visigodo.

Acreditamos que o processo de transformação e fortalecimento da Igreja local foi um fenômeno complexo, com vertentes diversas, e aqui apresentamos um destes múltiplos pontos de pesquisa, pensando em o que se entendia sobre ser idoso e o seu papel.

Palavras-chave: *Idoso; Visigodos; Igreja.*

Abstract:

This article aims to continue the research that developed as a secondary aspect in our doctoral thesis defended at the Programa de Pós-graduação em História Comparada, in connection with the Programa de Estudos Medievais. Our approach is to emphasize the role played by the elderly in the Visigoth episcopate in the seventh century. To do this, we will use as the main source of research bishop's letters Braulio of Zaragoza, and will support their understanding from the writings of Isidore of Seville and the conciliar minutes of Toledo in the seventh century. Will highlight the elderly, although characterized by pain and difficulties, assumes through its symbolic role a prominent position in the Visigoth episcopate.

We believe that the process of transformation and strengthening of the local church was a complex phenomenon, with many aspects, and here we present one of multiple points of research, thinking of what was meant to be old and their role.

Key-words: *Old man; Visigoth; Church.*

Introdução

O presente artigo tem por objetivo de abordar a questão do capital intelectual do idoso abordagem pretende sublinhar o papel exercido pelo idoso no episcopado visigodo no século VII. Para tal, utilizaremos como principal fonte de pesquisa as cartas do bispo Bráulio de Saragoça.¹

Apoiaremos a pesquisa também na hagiografia escrita pelo bispo, além do livro das Etimologias de Isidoro de Sevilha, um dos mais reconhecidos intelectuais do episcopado visigodo no século VII e o IV Concílio de Toledo, em que os dois bispos tiveram atuação. Nossa hipótese é que o idoso apesar das dores e dificuldades como é apresentado, assume por meio do seu papel simbólico uma posição de relevo no episcopado visigodo.²

Acreditamos que o processo de transformação e fortalecimento da Igreja local foi um fenômeno complexo, com vertentes diversas, e aqui apresentamos um destes múltiplos pontos de pesquisa, pensando em o que se entendia sobre ser idoso e o seu papel.

Antes de aprofundarmos a discussão, entendemos que é necessário explicitarmos o contexto do momento que estaremos abordando. Os chamados visigodos eram um grupo germano presente como confederados do Império Romano, e por longo tempo mantiveram relações com o governo, firmando tratados e relações políticas,³ existindo inclusive cooperação militar.

Na conformação de uma nova realidade com a desestruturação do Império Romano do Ocidente, os visigodos primeiro ocupam na região da atual França, até serem derrotados por Francos e ocuparem e se estabelecerem definitivamente na Península Ibérica, ou Hispania, como era conhecida pelos romanos.

O cristianismo era a religião oficial do Império, e sua difusão supera as estruturas imperiais, influenciando grupos no oriente e ocidente. No caso do visigodo, catequizados por Ufila, seguiam a vertente ariana, condenada como heresia no concílio de Nicéia.

Assim, durante a constituição do reino visigodo na Hispania teremos uma disputa religiosa: os forasteiros, seguidores da vertente ariana e a população local, conhecida

como hispano-romana com o credo niceno, que seguindo a sua própria forma de denominar adotaremos como católico.

Com a constituição dos reinos germanos as Igrejas assumiram contornos locais, apesar de buscarem aproximação com Roma e o Oriente, seus caminhos e decisões seguem linhas próprias. Neste processo passamos a identificar um caráter local que estará ligado diretamente a linhagens familiares de origem, e as disputas sóciopolíticas de cada região.

No decorrer do século VI, no reino visigodo, o episcopado católico, já em um processo de aproximação com a nobreza goda, a Igreja tem um incremento do seu poder, e é bastante feliz quando consegue tornar-se hegemônica a partir da conversão do monarca Recaredo, em 589. Neste momento é firmada uma aliança das aristocracias locais, leia-se principalmente o episcopado, com a monarquia que foi de extrema importância para o período.

Assim o corpo eclesiástico assume participação ativa na política do reino. Elementos como o fato Primado⁴ do reino ser o Bispo de Toledo, que é a sede da monarquia, a preocupação crescente nos concílios de definir o papel do clero e sua forma de atuação junto ao rei e a sociedade são exemplos dessa realidade. Esta nova conformação vai acarretar o que alguns autores espanhóis chamam de formação de Igrejas “nacionais”. (ORLANDIS, 1990. p. 89 – 110)

Assim no século VII temos a marca de uma *Eclésia* em um momento de fortalecimento, mediando os múltiplos conflitos da nobreza pelo poder. Neste contexto o episcopado aumenta sua produção literária, troca cartas, realiza concílios, mas também terá disputas pelos seus principais cargos, intromissão de reis e nobres pelas suas terras e a preocupação constante de catequizar.

A Educação no Reino Visigodo

Nossa pesquisa trata de um estudo sobre o papel da educação na elite eclesiástica, sinalizando seu papel regulamentador, legitimador e capaz de construir características de um discurso próprio, específico, mas que seja reconhecido nos diversos espaços sociais. Desta forma constroem um modelo hierárquico em torno de relações

entre mestres e discípulos e utilizam a base deste discurso em segmentos e momentos diversos, sinalizando o reconhecimento deste mesmo para além do espaço da Igreja.

A educação no reino visigodo tem realce no fortalecimento da Igreja, na cristianização das populações e na continuidade do clero. Os membros do episcopado, tradicionalmente os de idade mais avançada,⁵ foram os responsáveis por fomentar a organização de carácter escolar, como forma de difundir e afirmar uma cultura com características específicas e de inspiração religiosa, permitindo que o reino os reconhecesse. Mais que isso, adotasse a sua forma de agir, pensar e ver o mundo, transformando o recurso clássico da relação mestre-discípulo em um elemento mítico que marca a organização do episcopado.

Notamos que no discurso eclesiástico é sublinhado o carácter peculiar do entendimento da educação pautado nas relações de mestres e discípulos.⁶ Aparece como uma representação retórica sobre a função da Igreja na sociedade visigoda, uma vez que o caminho do sucesso dependia de um bom mestre, posição que o episcopado difunde como sendo a missão máxima neste mundo, sempre valorizando seu principal bem, uma vez que sucesso nesta tradição cristã aparecerá como sinónimo de Salvação.

Uma das preocupações mais primárias para a perpetuação de qualquer instituição é a necessidade de manter-se atrativa. Entendemos que a Igreja visigótica é sem dúvida um espaço institucional, ainda que em busca de consolidação, neste sentido a maior missão dos seus membros, principalmente em uma organização que pressupõe crença e fé, é garantir a continuidade de sua própria existência.

O reconhecimento da relevância de uma formação qualificada dos membros da Igreja, em especial no século VII com o afluxo de visigodos para seus quadros, foi fundamental para a legitimidade alcançada por esse conjunto religioso. A educação passa então a atuar como elemento de coesão e identificação dos clérigos, já que faz parte do próprio projeto de valorização do grupo, estabelecendo regras em torno da especialização. Dessa forma o investimento na educação, também poderia inibir a intervenção nobiliárquica, em especial dos monarcas.⁷

Bráulio de Saragoça e as cartas

Neste quadro está nossa fonte de pesquisa, um conjunto de cartas enviadas e recebidas pelo bispo de *Caesaraugusta* (atual Saragoça), Bráulio, durante os anos de 620 e 650. O autor é de família Hispano-Romana, e possui outros membros dentro do alto clero.⁸ Sua formação é feita no âmbito da escola de Isidoro de Sevilha, principal nome da Igreja visigoda tanto pela sua participação política como pela produção escrita, que é referência durante a Idade Média.

Bráulio se destaca ao ser o responsável pela edição de uma das mais importantes obras de seu mestre, *Etimologias*, livro que procura compilar, em verbetes, todo o conhecimento da época, além da correção da *Lex Visigothorum*, código jurídico que vai estabelecer uma lei única para todos os súditos do reino visigodo.

As cartas que analisamos remetem ao mais alto grau da elite na sociedade visigoda no século VII, formado pelos dirigentes da Igreja, bispos, arcebispos e abades, assim como membros das casas nobiliárquicas visigodas, inclusive os reis.

O trabalho de analisar e utilizar epístolas em história, não é dos mais simples. As cartas têm formas e formalidades específicas que forçam ao historiador um trabalho comparativo para ver o que de fato é formalismo e o que é informação.

É neste contexto que buscaremos entender como é caracterizado o Idoso e qual o seu papel nesta sociedade? Detectamos que a figura do ancião durante o século VII pode ser apreendida pela definição utilizada nas etimologias: Neste texto, Isidoro indica que o velho pode ser classificado de três formas: o *Senex* que é o velho “menos velho”, a partir dos quarenta anos, o *Sênior* que é o acima dos sessenta anos e o *Decrepitus*, que é o que está à beira da morte (HOMET, 1997. p. 46.)

Bráulio durante o curso do epistolário está envelhecendo.⁹ As nuances ligadas a velhice, assim, aparece e permite analisar como esta é vista. Em primeiro plano é destacado o medo da morte, a ideia de que a vida está se extinguindo é a certeza que mais incomoda com a chegada da velhice; este sentimento aparece na fonte quando do falecimento do marido de sua irmã e de um bispo próximo a ele chamado Nonito. Estas cartas são escritas cerca de dez anos após assumir o bispado, assim Bráulio possuía em torno de quarenta anos. Apesar do medo o autor também mostra resignação frente ao assunto quando afirma que o “(...) *único veredicto, el pio y el impío, el justo y el injusto, el honrado y el malvado son presa de la muerte*” (EBS. Carta XV. p. 94 – 95.).

O idoso e seu papel social

Está presente, como características de um idoso, a debilidade física revelada pela “*infirmatibus carnis*” ou achaques da carne (tremedeiras físicas). No caso de Bráulio ele destaca a incapacidade física de administrar sem ajuda e principalmente a perda da visão que é o que nitidamente mais o incomoda. O fundamental é da falta de controle do corpo, que impossibilita ao clérigo de exercer suas funções com perfeição, é um estado identificado com a velhice.¹⁰

Várias daí em diante serão as cartas em que Bráulio fará alusão à sua constituição frágil e as fraquezas e dificuldades que afligem seu corpo. Em carta a Nebridio, (EBS. Carta XXXIV.p. 141.) Bráulio revela pela primeira vez um problema que passará a fazer parte de todas as suas cartas dali em diante, a perda gradual da visão. Como velho nada lhe incomoda mais do que este mal que, segundo o próprio, lhe deixa cada vez mais “fraco e decrépito”. Vários fatores poderiam contribuir para esta dificuldade visual, comum, inclusive, em nossos dias. O segmento eclesiástico mais nobre dedica-se frequentemente à leitura: letras escritas por copistas e a iluminação precária contribuem para este ser um mal associado à velhice.¹¹

Segundo Raquel Homet (HOMET,1997. p. 16) e Rolf Sprandel (BRAET & VERBEKE, 1996. p. 107 - 116) a tradição eclesiástica também influi diretamente na aura do idoso, pois através das escrituras, principalmente o velho testamento, haverá a justificação da predominância do Idoso como uma figura de respeito e dirigente. Homet vai destacar que Jesus Cristo nos milagres não terá nenhum idoso rejuvenescido, o que naturalizaria a ideia de envelhecer, sem que isto fosse considerado um pecado ou algo ruim, mas sim uma nova fase da vida. Sprandel destaca, em seu artigo, que a velhice chega até mesmo aos mais altos membros da história da Igreja como Salomão e que este também vai sofrer com as dificuldades do envelhecimento.

Sobre a função do idoso no episcopado, e que acreditamos que servia como a pretensão de um modelo para toda a sociedade, podemos analisar o IV concílio de Toledo.¹² Neste existe uma preocupação de normatizar as práticas religiosas e, para isto, determina aspectos cerimoniais, a serem cumpridos, assim identificamos uma aura própria do idoso de caráter simbólico: ele é o primeiro a adentrar o recinto de um concílio, são os anciãos que devem fazer a homilia e entoar em primeiro lugar os hinos de louvor,

as orações de honra as datas e quem deve determinar as datas religiosas, além de serem os responsáveis pela educação.

Tratamos, então, de um dos aspectos mais importantes e que marca a função do ancião que é a de ser o responsável primeiro pelas escolas. Para compreendermos a conotação do idoso como sábio, no reino visigodo, é necessário nos reportar a Isidoro de Sevilha,

Le senectud trae consigo muchas cosas, buenas y malas. Decimos buenas porque nos libera de tiránicos señores, impune un límite a los placeres, debilita la violencia de la libido, aumenta la sabiduría, proporciona consejos más maduros. Y decimos también malas, porque la ancianidad es mui digna de lástima por su debilidad y desamor. ‘Se acercan las enfermedades y la triste vejez.’”¹³

Assim, é fundamental entender o argumento que mesmo o que é ruim na velhice, como as dificuldades do corpo, pode ser interpretado como presente, já que permite ao senil dedicar-se à religião e à Igreja de forma mais “sincera e vigorosa” que qualquer jovem. Concluimos que o idoso no episcopado assume a função de ser um dos principais responsáveis pela manutenção e perpetuação da própria Igreja.¹⁴

Com esta leitura associada ao apresentado nos cânones do IV concílio de Toledo, supracitado, verificamos que fica a cargo do ancião a função prática de ser o pilar da Igreja: é determinado que as escolas do reino sejam obrigatórias em cada mosteiro e em todas as sedes episcopais, devendo ser administradas pelos anciãos. (CVHRIV concílio de Toledo, cânones III ao VII. p. 188 – 193.)

As escolas e a disseminação cultural são fundamentais para a igreja no reino visigodo por permitirem a renovação dos quadros eclesiásticos, que deveriam ter instrução. A existência desta instituição é, portanto, uma das condições para a formação de um clero culto, capaz de desenvolver suas atividades, ou como diz Bráulio em carta a seu mestre Isidoro, “*No disse la cabeza a los pies: no me sois necesarios; porque los miembros del cuerpo que parecen ser los más bajos tienen mayor dignidad.*” (EBS. Carta V. p. 70 – 71). Além do clero, há também a formação de membros da elite, que mesmo não seguindo a vida eclesiástica, terão uma relação muito mais próxima à Igreja.

Trataremos agora de um dos aspectos mais importantes e que vai marcar a função do Idoso, que é a de ser o responsável primeiro pelas escolas. Como já vimos Bráulio é oriundo da escola de Isidoro de Sevilha e ele mesmo será responsável pela educação de

bispos como Tajon, seu substituto em Saragoça, e Eugenio que será o primeiro dos bispos do reino. A longa idade de Bráulio, morre em torno dos sessenta anos, foi exaltada por Eugenio em um dos seus poemas como um presente de Deus aquele que foi um digno representante no trabalho eclesiástico.

Para entendermos a conotação do Idoso como sábio, no reino visigodo, é necessário nos reportar a Isidoro de Sevilha, “A velhice traz consigo muitas coisas boas e más. Dizemos das boas que ela nos libera dos senhores, impõe um limite aos prazeres e debilita a violência da libido, aumenta a sabedoria e proporciona conselhos mais maduros.” (ETI. Livro XI, capítulo 2.) Assim é fundamental entender o argumento que mesmo o que é ruim na velhice, como as dificuldades do corpo, pode ser interpretado como presente que permite ao idoso dedicar-se a religião e a Igreja de forma mais “sincera e vigorosa” que qualquer jovem.

Sobre a afirmação acima, entendemos que o idoso no episcopado assume a função de ser um dos principais responsáveis pela sua manutenção e perpetuação da própria Igreja.(BOURDIEU, 2003. p. 57)¹⁵ O quadro é que na sociedade visigótica, assim como outras sociedades pré-capitalistas, a noção de transformação, de inovação, era posta em segundo plano diante dos princípios de tradição e erudição. Desta forma, aqueles que mais tempo viviam dentro daquela sociedade, que tinham mais consolidados seu capital no mercado do campo, constituíam um grupo que normalmente assumia a condição de liderança, no quadro do reino visigodo, um papel de direção frente a elite local, eclesiástica ou política.

Com esta leitura associada ao apresentado nos cânones do IV concílio de Toledo, supracitado, entendemos que fica a cargo do ancião a função prática de ser o pilar da Igreja: é determinado que as escolas do reino, obrigatórias em cada mosteiro e em todas as sedes episcopais, devendo ser administradas pelos anciãos. (CVRH. IV concílio de Toledo, cânones III ao VII.)

As escolas e a disseminação cultural são fundamentais para a igreja no reino visigodo por permitirem a renovação dos quadros eclesiásticos, que deveriam ter instrução. A existência desta instituição é, portanto, uma das condições para a formação de um clero culto, capaz de desenvolver suas atividades, ou como diz Bráulio em carta a seu mestre Isidoro, “*No disse la cabeza a los pies: no me sois necesarios; porque los miembros del cuerpo que parecen ser los más bajos tienen mayor dignidad.*”(EBS. Carta

V. p. 70 – 71.) Além do clero, há também a formação de membros da elite, que mesmo não seguindo a vida eclesiástica, terão uma relação muito mais próxima à Igreja.

A responsabilidade dada ao idoso vai denotar sua importância como elemento ativo e reconhecido na sociedade. Sua figura como sábio, garantida pela experiência acumulada, e construtor do próprio futuro da Igreja local, coaduna com o trabalho de fortalecimento eclesiástico no qual a produção intelectual tem destaque através das trocas de cartas, difusão de textos clássicos, constituição de bibliotecas e, claro a administração de escolas. Nesses campos é que ficarão delineados os papéis preponderantes do Idoso dentro da estrutura da Igreja visigoda.

Como se delineiam as disputas por poder no interior da Igreja? Identificar esta relação exige um cuidado muito grande na análise do discurso da fonte para não sermos levados pela formalidade do discurso. Assim, pois, Bráulio, ao exaltar que está velho e fraco não é simplesmente uma reclamação. Existe uma preocupação em utilizar-se no campo da retórica, matéria fundamental na constituição das escolas, a condição de idoso, o que denota ser “o velho” alguém a quem se devia respeito e por isso apresentar uma aura própria.

A utilização da idade em proveito é clara no epistolário quando Bráulio solicita ao rei Chindasvinto (EBS. Carta XXXII e XXXIII. p. 135 – 137.), a não transferência de seu presbítero Eugênio para outra Toledo: o autor se pinta como um *decrepitus* que sem seu discípulo não teria como administrar sua sede episcopal, mas na carta a Eugênio comunicando de sua partida refere-se a si mesmo como um *senex*, por isso deveria ser respeitado.

Retomando então a disputa interna, elegemos um dos muitos exemplos que poderíamos dar com base nas cartas. As cartas XLV e XLVI do epistolário são trocadas entre Bráulio e o Bispo de Braga, Frutuoso. Este último, de origem visigoda, e tendo relações de parentesco com a família real, envia uma carta solicitando ao nosso autor que responda sobre questões eclesiásticas bastante complicadas, destacando que só ele poderia fazê-lo. A carta de Bráulio em resposta, apesar do tom amistoso que a formalidade exige, tem duas preocupações claras: a de lembrar que ele é velho, e essa afirmação é repetida e detalhada como justificativa de ser impossível responder a questão, na humildade que a forma também exige; e responder as questões com precisão e citações de forma completa, buscando mostrar um grau de erudição o mais elevado o possível

como a chamar atenção de Frutuoso, para que ele tivesse mais cuidado ao se referir a ele. Termina a carta lamentando que os mais jovens não leiam o grego, mãe de todas as culturas, e que tivesse cuidado que aquela região era uma terra de heresias como o Pricilianismo, o que pode ser entendido como uma clara crítica. (CALAZANS, 2004)

A responsabilidade dada ao idoso vai denotar sua importância como elemento ativo e reconhecido na sociedade. Sua figura como sábio, garantida pela experiência acumulada, e construtor do próprio futuro da igreja local, coaduna com o trabalho de fortalecimento eclesiástico no qual a produção intelectual tem destaque por meio das trocas de cartas, difusão de textos clássicos, constituição de bibliotecas e, claro, a administração de escolas. Nesses campos ficarão delineados os papéis preponderantes do idoso dentro da estrutura da igreja visigoda.

A sabedoria e o papel do idoso foram, então, importantes e motivos de disputas, pois possuía mais poder e *status* dentro da sociedade eclesiástica aquele que maior sabedoria tivesse, acima idade, tornar-se-ia um valor preponderante.

O idoso está fortemente atrelado à educação e vai ter a garantia de perpetuação da sua memória por meio de *Viris Illustribus*, *Renotatios*, *Vitas* que serão escritos na península. (FONTAINE, 1971. p. 59 – 60) Bispos como Bráulio, Isidoro, outros anteriores a eles como Leandro de Sevilha e posteriores como Frutuoso serão já reconhecidos e exaltados como santos. Uma característica comum a esses tipos de documento é a prática de atribuir idade avançada aos seus homenageados, valorizando como chegaram a ser sábios e importantes para Igreja.

Fazendo uma leitura do papel que este idoso assume em especial na construção do ideário educacional no reino visigodo temos que realçar sua função em um fundamento especial no reino: a relação mestre-discípulo.

Fruto da interação entre diferentes correntes de pensamento e fundamentações, que já abordamos, a Igreja visigoda é um elemento híbrido e aglutinador no seio da sociedade visigoda no século VII. Organizando-se sob referenciais dos novos tempos, marcado pela dominação visigoda, ela busca de maneira constante e vigorosa afirmar sua longevidade, seu poder, que transcende ao deste mundo, e sua autoridade fornecida pelo próprio Deus.

Os grupos hispano-romanos, resistentes à dominação visigoda nos séculos V e VI, principais responsáveis pela existência da Igreja, na segunda metade do mesmo século VI

e durante o VII, não mais se caracterizavam por este papel. Pelo contrário, eram grupos heterogêneos e que reproduziam no seu seio o quadro de instabilidade política que sublinhou o reino no século VII. Estes grupos, mesmo marcados por contradições e disputas, manifestam-se pela sua ascensão, já que conseguiram transformar a estrutura da Igreja católica, tornando seus cargos objetos de cobiça.

Entre outros fatores, acreditamos que este papel foi assumido pela forma tomada pela educação durante o século VII. Escritos, discussões teológicas e cartas não deixam dúvida de que houve um movimento que marcou o incremento e a produção intelectual e uma releitura de elementos cotidianos, passando a ser interpretados como aspectos religiosos daquela sociedade, que foram possíveis pelo ofício de professor incorporado pelos membros destacados do clero. Estes difundiram seus bens simbólicos, ensinando nos demais espaços sociais os valores empreendidos pela Igreja.

Defendemos que a principal forma de divulgação e ensinamento dos elementos eclesiásticos era a reprodução do sistema mestre-discípulo. Este tipo de relação se reconhecia como fundamental no reino visigodo, como pode ser depreendido das palavras de Bráulio de Saragoça:

“Poniendose en camino, llegó a él, y sujetándose con ánimo resuelto bajo su disciplina, aprendió de qué manera podría dirigirse con paso firme al reino de los cielos. Esto me parece que es una lección para nosotros, a fin de que sepamos que ninguno sin maestro pude caminar rectamente a la vida bienaventurada.” (BRÁULIO. Vita San Emiliani. cap.2)

No plano da relação pessoal – mestre-discípulo – cabe lembrar o que Le Goff trata como um dos principais fatores que permitiram o crescimento da Igreja Católica durante a Idade Média: o controle da educação. (LE GOFF, 1980)

Para entendermos os fundamentos da relação mestre-discípulo na Igreja visigoda faz-se necessário destacar o papel nela assumido pelo idoso. O mais velho é, no discurso episcopal local, o responsável máximo em difundir e definir a forma como devem ser apreendidos os diversos conteúdos eclesiásticos de então.

O idoso é lembrado também como o responsável em normatizar as práticas religiosas. Identificamos uma aura em torno do ancião, que o faz um mestre “natural” daquela sociedade. Este papel é destacado por uma série de elementos: ele deve ser o primeiro a adentrar o recinto de um concílio; deve fazer a homilia e entoar os hinos de

louvor e as orações de honra; deve determinar as datas religiosas; além de ser o responsável pela educação formal.

Chama-nos atenção o prestígio e o papel destacados recebidos pelo ancião: mestre reconhecido, sendo o responsável por ensinar, dirimir questões, entre outras funções. O sistema educacional visigodo é, sem dúvida, pautado na tradição e no respeito à figura do mais velho. Esta característica, na qual alguns autores identificam uma forte presença germana no clero dos séculos VI e VII, é difícil de ser averiguada. No entanto, é inegável sua força na estruturação das relações mestre-discípulo no interior da Igreja.

O maior exemplo desta relação está no estabelecimento das escolas. Como já observamos Bráulio é oriundo do colégio isidoriano¹⁶ e ele mesmo será responsável pela educação de bispos como Tajon, seu substituto em Saragoça, e Eugenio primado do reino. Cabe lembrar que a idade avançada de Bráulio, que morre em torno dos sessenta anos, será exaltada por Eugenio em um dos seus poemas como um presente de Deus àquele que foi seu representante no trabalho eclesiástico. (AZNAR TELLO, 1985)

A responsabilidade conferida ao idoso denota sua importância como elemento ativo e reconhecido no episcopado. Sua figura, como sábio pela experiência acumulada e construtora do próprio futuro da Igreja local, vai coadunar com o trabalho de fortalecimento eclesiástico, no qual a educação tem destaque. Estes membros são mestres perante toda a sociedade intelectual, fato destacado por meio das trocas de cartas, difusão de textos clássicos, constituição de bibliotecas e, claro, da administração de escolas.

Considerações Finais

O idoso da elite eclesiástica tem um papel preponderante na Igreja do reino visigodo do século VII. A estrutura da Igreja se baseou em uma relação mestre-discípulo como modelo educacional para a sociedade. Este processo confere ao velho o favorecimento para assumir a figura de pilar da educação e transmissor de cultura.

Assim, através de uma aura construída com elementos das escrituras, da tradição romana e provavelmente de influências germanas, a Igreja terá na sua hierarquia a valorização do seu ancião, para tal, determinadas normas são estabelecidas como a Idade mínima para ascensão a cargos mais altos da Igreja, o destaque durante o cerimonial e a referência oficial para resolução de questões litúrgicas.

O idoso é caracterizado em documentos diversos daquele momento, mas nas cartas presenciamos o autor, envelhecendo, e tanto reclamando de suas caracterizações, como dores, doenças e fragilidade de sua ação, chegando até mesmo a falar solidão. Mas ao mesmo momento, observamos realçado o capital simbólico daqueles que atingem esta condição. Seja pela longevidade no âmbito das relações políticas, estamos tratando aqui da elite local, seja pela posição dentro do espaço eclesiástico, afinal nosso olhar está baseado em membros do episcopado, percebemos que a construção do poder é complexa. Observamos que a valorização da humildade é um aspecto de afirmação política, que o reconhecimento da sabedoria, do papel de liderança e a força de sua ação vinculada a educação, demonstram, em parte as discussões sobre a tensão entre idade, envelhecimento, tem significados múltiplos que tentamos explicitar ao longo deste artigo.

Com seu papel reconhecido, a velhice torna-se capital de barganha, no qual elementos como a retórica e origem escolar ganham contornos de valorização aos que chegam a Idade mais avançada, vinculando educação e envelhecimento de forma indelével na construção dos poderes durante o reino visigodo.

Bibliografia

Documentos medievais:

- BRAULIO. Epistolário. In: *Epistolário de San Braulio: edición crítica*. Madrid: CSIC, 1941.
- BRAULIO. Epistolário, ed. L Riesco Terrero, *Epistolario de San Braulio: Introducción, edición crítica y traducción*. Sevilha: [s.n], 1975.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Edição bilíngüe de Jose Oroz Rita. Madrid: BAC, 1982. Livro XII.
- Concílhos Visigóticos e Hispano-Romanos*. Jose Vives. (Ed.) Madrid: CSIC, 1963.

Bibliografia complementar

- AZNAR TELLO, Sandalio. *San Braulio y su Tiempo: el fulgor de una época*. Zaragoza: Heraldo de Aragon, 1985.
- BARBERO DE AGUILERA, A e VIGIL PASCUA. *La Sociedad Visigoda y Su Entorno Histórico*. Madrid: Siglo XXI, 1992.
- BARLOW, C. (Org.). *The Fathers of The Church: Iberian Fathers Braulio of Saragossa; Fructuosus of Braga*. Washington: The Catholic University of American Press, 1969.
- BRAET, H. e VERBEKE, Werner (eds). *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BACCEGA, Marcus; ZIERER, Adriana. Dossiê História, Arqueologia e Literatura entre Celtas e Germanos. **Brathair**, v. 14, p. 2, 2014.
- CALAZANS, Jaqueline de. O Movimento Priscilianista no Contexto da Consolidação do Reino Suevo no Século VI; VI Jornada de Pesquisadores do CFCH-UFRJ: VI Jornada de Pesquisadores do CFCH-UFRJ. *Atas...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. CD ROOM
- CASTRO, R. *A Educação na Idade Média. A busca da Sabedoria como caminho para a Felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull*. In: *Dimensões - Revista de História da UFES* 15. Dossiê História, Educação e Cidadania. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2003, p. 99 -115.

- CORREA, J.F.S. A cristianização na Galiza do século VI na perspectiva de Martinho de Braga. In: *Atas da V semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2004. Disponível em: www.ifcs.ufrj.br/~pem.
- DIAZ Y DIAZ, M. Introducción. In: ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Bac, 1982. p. 70 – 94.
- _____. La obra literaria de los obispos visigóticos toledanos: Supuestos y circunstancias. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teología*. Madrid: CSIC, 1970. p. 45 – 63.
- DINIZ, Rita de Cássia Damil. Considerações acerca da ação do episcopado peninsular no processo de consolidação da identidade godo-cristã no século VII. In: *Atas da VI Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: PEM, 2006. p. 137 – 142.
- DAMIL DINIZ, Rita De Cássia; RAINHA, Rodrigo dos Santos. O DISCURSO DO EPISCOPADO VISIGÓTICO SOBRE A MORTE NO SÉCULO VII. *Oracula*, v. 8, n. 13, 2012.
- FRIGHETTO, R. *Cultura e Poder na Antigüidade Tardia Ocidental*. São Paulo: ABDR, 2000.
- _____. A "Hispania" visigoda (séculos VI–VII) e a Antiguidade Tardia: algumas considerações. **Territórios e Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 63-96, 2013.
- GARCIA MORENO, Luis A. *Historia de España Visigoda*. Madrid: Cátedra, 1989.
- GARCIA TURZA, J. La transmisión cultural Hispana y el renacimiento carolingio. *Semana de Estudos Medievais*. La enseñanza en la Edad Media, 10, Najera, 1999. In: *Atas...* Gobierno de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000. p. 39-48.
- HOMET, R. Los Viejos y La Vejez en la Edad Media: Sociedade e imaginário. Rosário: PUC – ARGENTINA, 1997.
- _____. *Sobre la Educacion Medieval: estudio preliminar, selección y traducción de fuentes*. Buenos Aires: Tekne, [s.d]
- JOSÉ MADDOZ. Citas e reminiscencias clásicas em los padres españoles. In: *Sacris Erudiri*, Brugge, n. 5., 1953.
- ORLANDIS, J. *História Del Reino Visigodo Español*. Madrid: Ediciones Rialp, 1990. p. 89 – 139 e 339 – 362.

- ____. *Hispania y Zaragoza en la Antigüedad Tardía: estudios varios*. Saragoça: Univ. Zaragoza, [s.d.].
- LE GOFF, J. *Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.
- ____. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 95- 119.
- ____. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1984. P. 9 -16
- LYNCH, C. H. e GALINDO, P. *San Braulio Obispo de Zaragoza (631 – 651): Su vida y sus obras*. Madrid: Instituto Enrique Florez, 1950.
- MARTIN HERNANDEZ, F. Escuelas de Formación del Clero en la España Visigoda. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teología*. Madrid: CSIC, 1970. p. 66 – 100.
- RAMOS TEJA. Las dinastias episcopales em la Hispania tardoromana. *Cassiororus*, 1, p. 29-39, 1995.
- RICHÉ, P. *Educaton et Culture dans L'occident Barbare*. Paris: Du Scull, 1962.
- SANTIAGO CASTELLANOS. *La Hagiografía Visigoda. Dominio social y proycción cultural*. Logroño: Fundación San Millán de la Cogolla, 2004.
- SILVA, L. R. Algumas considerações acerca do poder episcopal nos centros urbanos hispânicos – séc. V – VII. In: *História: Questões e Debates. Instituições e poder no medievo*. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em História da UFRP / Editora da UFRP, 37, p. 67 – 84, jul-dez 2002.
- SILVA, Leila Rodrigues; DOS SANTOS RAINHA, Rodrigo. A educação dos leigos no reino visigodo: reflexões sobre a Vita Sancti Aemiliani-doi: 10.4025/actascieduc.v32i1.9481. **Acta Scientiarum. Education**, v. 32, n. 1, p. 41-47, 2010.
- SILVA, Leila Rodrigues da. O Diabo nos milagres da Vita Sancti Aemiliani. **Oracula**, v. 7, n. 12, p. 133-147, 2015.
- VALCÁRCEL, V. “Sobre a origen geográfico de la familia de Braulio, obispo de Zaragoza”, In: RAMOS GUERREIRA, A. (ed) *Mnemosynum C. Codoñer a discipulis oblatum*, Universidade de Salamanca, 1991.

¹ A região correta é chamada de *Caesaraugusta*, mas a historiografia e filologia espanhola traduzem pelo nome contemporâneo que é Zaragoza. Esta região é considerada estratégica no reino visigodo, por sua intensa relação com os Francos, mas também pelo papel econômico local, sendo uma das poucas fora do Mediterrâneo a ter este tipo de força. Sobre Bráulio e seu bispado abordaremos neste mesmo artigo mais a frente.

² Apesar de não ser a questão central deste artigo, em nossa dissertação de mestrado destacamos que este papel incide diretamente com os fundamentos da educação local e por meio da disseminação de elementos clericais, os clérigos mais velhos eram difusores de uma cultura própria, fazendo parte de uma estratégia de fortalecimento do poder do episcopado católico no reino visigodo durante o século VII. Sobre o assunto, alguns artigos podem ser observados: SILVA, Leila Rodrigues; DOS SANTOS RAINHA, Rodrigo. A educação dos leigos no reino visigodo: reflexões sobre a Vita Sancti Aemiliani-[doi: 10.4025/actascieduc.v32i1.9481](https://doi.org/10.4025/actascieduc.v32i1.9481). Acta Scientiarum. Education, v. 32, n. 1, p. 41-47, 2010. e SILVA, Leila Rodrigues da. O Diabo nos milagres da Vita Sancti Aemiliani. Oracula, v. 7, n. 12, p. 133-147, 2015.

³ Neste momento é importante sublinhar que estes não constituíam um reino, ou qualquer organização política. Segundo o professor Santiago Castellanos, só será possível identificar a organização de visigodos como grupo e com o objetivo de constituírem um reino já durante o reino de Leovigildo, mesmo assim, o autor sublinha que seria um *Regnum*, associação em que a busca era da predominância política de uma figura central como rei. Cf.: SANTIAGO CASTELLANOS. *La Hagiografía Visigoda. Dominio social y proyección cultural*. Logroño: Fundación San Millán de la Cogolla, 2004. p. 163 - 302.

⁴ Primado seria o que hoje é conhecido como o Arcebispo local, o clérigo de nível mais alto frente aos demais Bispos do reino, sendo ele quem preside os Concílios e se reporta de maneira mais próxima ao rei.

⁵ A estrutura eclesiástica possuía regras específicas sobre as posições na hierarquia clerical. Uma delas regulava a idade dos cargos dos presbíteros e bispos. Os primeiros não deveriam ter menos de 15 anos de igreja, enquanto os bispos deviam ter, no mínimo, a idade de 45 anos. Cf.: HOMET, R. *Los Viejos y La Vejez en la Edad Media: Sociedad e imaginario*. Rosário: PUC, 1997. 14 – 45.

⁶ Segundo Jaques Le Goff, a Idade Média é caracterizada pela confluência de três grandes tradições: romanismo, germanismo e cristianismo. Ainda que reconhecendo o modelo como esquemático, não podemos deixar de destacar sua validade para entendermos as relações de poder durante o reino visigodo. A relação de mestres e discípulos tem eco nas três tradições, nas relações fortemente pessoais trazidas com os visigodos, no funcionamento das relações escolares romanas, com seus mestres de retórica em especial, e por fim, fez parte da organização da Igreja com sua propagação de ordem discipular. Cf.: LE GOFF, J. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1984. p. 9 -16.

⁷ Vale dizer que a nomeação de clérigos pelos reis era comum e a tentativa de evitá-la por parte do episcopado foi uma constante. Um bom exemplo é o caso relatado nas cartas de Bráulio de Saragoça sobre a disputa com o rei Chindasvinto pela nomeação de um auxiliar de Bráulio, Eugenio. Cf.: BRAULIO. Epistolário, ed. L Riesco Terrero, *Epistolario de San Braulio: Introducción, edición crítica y traducción*. Sevilla: [s.n], 1975. (Adotaremos a partir deste momento EBS, para as referências ao epistolário); Lynch, C. H. e GALINDO, P. *San Braulio Obispo de Zaragoza (631 – 651): Su vida y sus obras*. Madrid: Instituto Enrique Florez, 1950. p. 92 – 112.

⁸ Segundo obra de Lynch, Op.cit. 1975, ele é filho do Bispo de Osma, Gregório, e tem como irmãos Juan, seu antecessor no bispado de Saragoça, Frunimiano que é abade e a quem nosso autor dedica seu livro sobre a vida de San Aemiliani. Além de irmãs abadessas, e seu sobrinho e discípulo que se tornou Primado do reino Eugenio de Toledo.

⁹ O epistolário apresenta-se com a grande maioria das suas cartas em ordem cronológica. Cf.: JOSÉ MADDOZ. Citas e reminiscencias clásicas en los padres españoles. In: Sacris Erudiri, Brugge, n. 5., 1953.

¹⁰ A carta VI do epistolário é de Isidoro para Bráulio, onde o primeiro envia ao segundo uma importante obra chamada as Etimologias, para sua organização e correção já que o autor não tem mais condição física de executar. Cf. EBS. Carta VI. p. 72.

¹¹ Esta reflexão é corroborada por aparecer indicado que o mesmo acontece com Isidoro de Sevilha. Cf.: La obra literaria de los obispos visigóticos toledanos: Supuestos y circunstancias. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teología*. Madrid: CSIC, 1970. p. 45 – 63.

¹² É necessário enfatizarmos que temos a consciência que o IV concílio de Toledo é uma reunião eclesiástica episcopal e como tal direcionada a segmentos específicos da sociedade, no entanto, acreditamos que suas deliberações em normatizar as práticas religiosas estão relacionadas à preocupação de reconhecimento do grupo frente toda a sociedade, além de afirmar preceitos que seriam difundidos para toda sociedade, ainda que observemos que seu real efeito não pode ser mensurado. *Concílios Visigóticos e Hispano-Romanos*. Jose Vives. (Ed.) Madrid: CSIC, 1963. (Adotaremos CVRH, para as referências a seguir)

¹³ ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Edição bilíngüe de Jose Oroz Rita. Madrid: BAC, 1982. . Livro XI, capítulo 2. Tomo II. p. 44 – 45. (Adotaremos ETI, para as referências a seguir).

¹⁴ Se entendermos esta concepção a partir das reflexões de Pierre Bourdieu na gênese e estrutura do *campo religioso*, os idosos seriam os principais responsáveis em incutir o *habitus* eclesiástico aos demais participantes do *campo religioso*, assim como ser a representação do *poder simbólico* deste *campo* frente à

sociedade. Cf.: BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 15 – 74.

¹⁵ Para Bourdieu, um habitus religioso, é o princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social: (I) Este Capital Religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a demanda religiosa e a oferta religiosa que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosas; (II) este Capital Religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos, como as funções que tais instâncias cumprem na divisão do trabalho religioso, e em consequência, na divisão do trabalho político. (p. 57)

¹⁶ O sentido de colégio, como associação, grupo, congregação, não como instituição de ensino ou educação, que pensada neste momento como algo inexistente. A ideia de que Bráulio teria sido discípulo direto de Isidoro de Sevilha, inclusive tem sido muito contestada, por falta de comprovações nas documentações que possuímos. No, entanto, em nossa abordagem pensamos essa relação no sentido de reconhecimento, filiação ao mesmo grupo, aos mesmos espaços de discussões e trocas. Cf.: DAMIL DINIZ, Rita De Cássia; RAINHA, Rodrigo dos Santos. O Discurso do episcopado visigótico sobre a morte no século VII. *Oracula*, v. 8, n. 13, 2012. E GARCIA TURZA, J. La transmisión cultural Hispana y el renacimiento carolingio. *Semana de Estudios Medievales. La enseñaza en la Edad Media*, 10, Najera, 1999. In: *Atas... Gobierno de La Rioja*. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000. p. 39-48.